

## **Práticas culturais, estilo de vida e docência: o caso dos pais professores<sup>1</sup>**

### **Resumo**

Este estudo teve por objetivo traçar um perfil socioeconômico e cultural de professoras e professores da educação básica no escopo de um conjunto de trabalhos sobre os efeitos de um ser professor na escolarização dos filhos. Por meio de aplicação de questionários a um conjunto de 114 docentes que possuíam filhos em idade escolar em uma cidade interiorana mineira, foi realizado um levantamento sobre suas preferências e práticas culturais. Considera-se que o estudo da relação que os docentes estabelecem com a cultura é pertinente no conjunto dos trabalhos desenvolvidos pelo NESFE (Núcleo de Estudos Sociedade, Família e Escola) sobre práticas educativas de pais professores, por trazer elementos para a compreensão das diferentes dimensões do acompanhamento escolar que os docentes desenvolvem na vida escolar dos seus filhos.

Palavras-chave: Pais professores, docência e práticas culturais

### **Abstract**

The aim of the current study is to outline a socioeconomic and cultural profile of teachers of basic education in the scope of a set of works on the effects of being a teacher in the schooling of children. Through the application of questionnaires to a group of 114 teachers who had children of school age in an inner city of Minas Gerais, a survey was made on their preferences and cultural practices. It is considered that the study of the relationship that the teachers establish with the culture is pertinent in all the works developed by the NESFE (Center for Studies Society, Family and School) on educational practices of teachers parents, for bringing elements to the understanding of the different dimensions of the school attendance that the teachers develop in the school life of their children.

Key-words: Parent teacher. teaching, cultural practices

### **Introdução**

Para se estudar os efeitos da profissão docente na escolarização dos filhos, objeto de estudo ao qual nos dedicamos nos últimos dez anos (Nogueira, 2012; 2011; 2013; 2015; 2017) – inicialmente na tese de doutoramento defendida na Universidade Federal de Minas Gerais, e nos últimos cinco anos no NESFE (Núcleo de Estudos Sociedade, Família e Escola), da Universidade Federal; de Ouro Preto, torna-se necessário, em primeiro lugar, compreender quem são esses sujeitos e quais são as suas práticas culturais, tendo em vista a obra de Bourdieu (1979a;1979b) que nos atenta para o peso (mesmo que com estrutura e volume diferentes em cada estrato social) do capital

<sup>1</sup> A pesquisa contou com o apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

cultural familiar no processo de escolarização dos filhos. Atentos a esse pressuposto buscou-se traçar um perfil sociológico envolvendo indicadores socioeconômicos, demográficos, profissionais e culturais de um grupo de 114 pais professores de um município do interior mineiro. Essa pesquisa - em sua totalidade - tratou, mediante a aplicação de uma metodologia mista (quali/quantitativa), de investigar e discutir o peso de um “ser professor na escolarização dos filhos” e os resultados mais amplos da pesquisa podem ser vistos nos trabalhos de Nogueira (2011, 2013 e 2015). No presente artigo iremos analisar o perfil sociológico dos pais professores investigados destacando a relação entre as práticas culturais familiares e a vida escolar dos filhos.

Estudos sociológicos contemporâneos (Van-zanten, 1999; Lahire, 2004) têm mostrado que são muitos e variados os modos pelos quais as famílias tendem a atuar no intuito de alcançar melhores resultados escolares para seus filhos. De fato, famílias situadas em um mesmo universo social apresentam diferentes estratégias e obtêm resultados também diversos (GODARD, 1992). Para se apreender os modos específicos com que cada família concebe a vida escolar dos filhos e atua em relação a ela, há que se considerar não só uma diversidade quanto às condutas, aos valores e às estratégias familiares, de acordo com sua realidade socioeconômica, mas também segundo as condições internas de transmissão dos capitais cultural e escolar. Não basta possuir um determinado volume de capital cultural. Mais do que possuir esse capital, por exemplo, é indispensável que a família tire “proveito” dele, de modo a atender aos interesses escolares. Como demonstra Lahire, (1997, p. 338) “com capital cultural equivalente, dois contextos familiares podem produzir situações escolares muito diferentes”. As práticas e estratégias educativas de cada família variam, pois, conforme um *habitus* próprio, mediante o qual a família estabelece um modo de relação particular com a escola. As famílias de um mesmo meio social revelam, certamente, muitos aspectos, práticas e estratégias educativas em comum. Mas, ainda assim, apresentam particularidades, especificidades próprias de determinada configuração e dinâmica que propiciam a construção de diferentes estratégias educativas ao longo da vida escolar dos filhos.

Dentre as estratégias educativas familiares, segundo o sociólogo, destaca-se, como a mais importante, a transmissão do “capital cultural” que condiciona o êxito escolar. De um lado, a posse de capital cultural favorece o desempenho escolar porque facilita a aquisição de conteúdos tipicamente escolares e o bom desempenho nos processos avaliativos. Isso porque os códigos que a escola veicula — em relação aos saberes, aos modos de pensar e agir e às formas de avaliação — são mais familiares, “naturais” para aqueles que foram socializados nos mesmos valores. Entende-se, então, que certas famílias estariam mais aptas a “traduzir” a escola e dela tirar proveito. Por outro lado, a posse de um determinado componente do capital cultural que engloba o conhecimento da organização do sistema escolar e dos seus ramos de ensino — do ponto de vista de seu prestígio acadêmico/profissional e retorno financeiro — pode favorecer o desenvolvimento de estratégias eficazes para orientar a trajetória escolar dos filhos.

Nessa perspectiva, os pais professores estão em situação privilegiada face à escolaridade dos filhos, já que dispõem de um conhecimento especializado desse universo e de seus modos de funcionamento (NOGUEIRA, 2011, 2013, 2015; LASNE,

2012; BARG, 2013). Em que medida outros aspectos do capital cultural podem impactar a escolarização dos filhos e neste cenário, como estão posicionados os pais que exercem a docência na educação básica?

## A metodologia

O conjunto de estudos sobre os pais professores se deu em duas etapas: a primeira, em que foram coletados dados empíricos com um universo de professores atuantes nos anos finais do ensino fundamental do município de Itaúna, cidade mineira localizada a 80 km da capital, Belo Horizonte, na macrorregião estadual centro-oeste do Estado. A segunda, em continuidade à primeira foi desenvolvida com a metodologia de “estado da arte” e teve o objetivo de rastrear o tema “pais professores” na literatura sociológica em língua portuguesa, inglesa e francesa”.

No recorte utilizado para este artigo foram utilizados dados empíricos coletados a partir da aplicação de um questionário composto por 34 questões a 114 pais professores em pesquisa realizada entre 2009 e 2011, com os quais foi traçado um perfil socioeconômico e cultural. No sentido de complementaridade, esses resultados foram articulados com a literatura sobre o tema encontrada na segunda fase da pesquisa (2014-2106).

Para traçar o perfil e caracterizar, em termos socioeconômicos e socioculturais, o universo pesquisado, os professores foram selecionados conforme os seguintes critérios: ser portador de diploma de Ensino Superior, atuar como docente nas séries finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e ter filhos, sob sua guarda, em idade de escolarização fundamental (seis a 14 anos).<sup>2</sup> Foram distribuídos questionários a todos os professores do município da rede particular e pública que atenderam aos critérios estabelecidos acima, perfazendo um total exaustivo de 136 casos. Desse total, 114 questionários foram respondidos e tabulados, sendo os resultados daí obtidos examinados a seguir.

## Um perfil sociológico dos pais professores

O universo pesquisado era constituído, predominantemente, por professores do sexo feminino, casados e distribuídos, de modo relativamente regular, no interior de um intervalo que varia entre 31 e 50 anos.

Dos professores que responderam ao questionário, 88,6% eram do sexo feminino (N=101). O percentual de professores do sexo masculino era de apenas 11,4% (N=13). Esses dados não discrepam fundamentalmente da tendência nacional, pois conforme confirmam os dados de um estudo exploratório sobre o professor brasileiro realizado pelo INEP (BRASIL, 2009), a sala de aula é um espaço ocupado majoritariamente por mulheres, que somam 84,1% dos profissionais da educação, havendo uma forte concentração de professoras em todos os níveis da Educação Básica brasileira. No

<sup>2</sup> Os critérios atenderam aos objetivos da primeira fase da pesquisa (tese de doutoramento da autora) que pretendia compreender as práticas educativas de pais professores na vida escolar dos filhos. Além dos questionários, foram feitas 80 entrevistas com 40 famílias (pais/mães e filhos/filhas). Detalhes mais aprofundados da pesquisa empírica podem ser verificados em Autora (2011).

entanto, é importante destacar que, de acordo com os dados do IBGE, há um aumento progressivo da taxa de participação masculina na docência na educação básica, à medida que se avança em direção ao Ensino Médio.

A docência na Educação Básica se constitui, portanto, uma ocupação “feminina”; e, ainda que a presença masculina nos anos finais do Ensino Fundamental seja relativamente significativa em relação à dos anos iniciais, é evidente o chamado fenômeno de “feminização” do magistério, entendido não apenas como um elevado número de mulheres na docência, mas como um complexo processo histórico-social, no curso do qual múltiplos fatores se interpenetram. Entre esses fatores se destacam as alterações no mercado de trabalho, o acesso à escolarização, a divisão sexual do trabalho e as relações de gênero. Estudos históricos, como os de Rosemberg (2001), Yannoulas (1993), Louro (1997) e Almeida (1996), sobre os processos de “feminização” da docência no contexto da educação brasileira, contribuem para demonstrar a complexidade do fenômeno.

Em relação à idade dos professores pesquisados, os dados obtidos evidenciam uma média de idade em torno de 40 anos. Constata-se uma distribuição relativamente regular na faixa que vai dos 31 aos 50 anos, sendo que as maiores concentrações se dão nas faixas etárias de 41 a 45 anos (29,8%), de 31 a 35 (22,8%) e de 46 a 50 (21,1%). Esse quadro já era esperado tendo em vista os critérios de seleção dos sujeitos: professor com filhos em idade escolar (6 a 14 anos). Dos 114 professores, apenas seis apresentavam idade inferior a 30 anos. Desse modo, o critério de parentalidade, associado ao critério de idade mínima da prole, certamente se constitui como fator explicativo para o baixo número de indivíduos abaixo de 29 anos. Verificou-se uma frequência ainda mais reduzida de professores com idade acima de 50 anos (N = 4) — representando somente 3,5% —, que deve ser destacada. Uma hipótese adicional àquela da idade de fecundidade acima mencionada é a de que a esse número reduzido poderia se associar a aposentadoria precoce<sup>3</sup> ou até mesmo o abandono da profissão. No entanto, não foi possível avaliar a validade dessas hipóteses no âmbito da pesquisa realizada.

Os indicadores demográficos evidenciam a predominância de professores casados. Tendo em vista que se tratava de um grupo majoritariamente feminino, torna-se importante destacar, por ora, que estratégias matrimoniais têm um peso desigual para homens e mulheres (SINGLY, 2004).

Quando às taxas de fecundidade, metade dos professores pesquisados (50%) declarou ter dois filhos, e 33,3% tinham apenas um filho. Tratava-se, portanto, de famílias pouco numerosas. Esses dados confirmam a tendência de redução do número de filhos nas famílias brasileiras, apresentada nas pesquisas de Goldani (1994), Marteleto (2002) e Berquó (1998). O trabalho de Marteleto (2002), de modo especial, mostra que o número de jovens vivendo em famílias pequenas é crescente, no Brasil. Esses estudos comprovam ainda a forte correlação entre o tamanho da prole e a escolarização dos filhos, no seguinte sentido: quanto menor o número de filhos, maiores serão suas chances escolares. Em suma, esses estudos evidenciam o favorecimento da escolarização de jovens brasileiros em função de um menor número de irmãos. Essa

<sup>3</sup> A aposentadoria dos professores da Educação Básica se dava aos 25 anos de serviços prestados.

relação entre o tamanho da família e a escolarização dos filhos permite pensar que algumas famílias reduzem o número de filhos para poder investir mais objetivamente, inclusive em termos escolares, em cada um deles (GLÓRIA, 2007). Uma interpretação sociológica desse malthusianismo<sup>4</sup> das famílias contemporâneas é fornecida por Bourdieu (1979a), que identifica, entre as estratégias de reprodução de classe, aquelas de fecundidade visando à limitação do número de filhos, que parecem responder, em parte, às estratégias educativas, concentrando os investimentos na escolarização dos filhos. Esses aspectos serão posteriormente tratados no momento da discussão das condutas dos professores no âmbito da escolarização dos filhos.

Os dados demográficos das famílias fornecem também indicações a respeito da caracterização da prole quanto ao sexo e à faixa etária. Os 114 professores tinham, no conjunto, 211 filhos, que se distribuíam na faixa etária de 2 meses a 26 anos. A concentração recai sobre as faixas etárias de 6 a 15 anos (71, 2%), sendo que a distribuição pelo sexo acompanha a distribuição da população brasileira.

Quanto à religião declarada no momento da pesquisa é nítida a predominância da religião católica nas famílias dos professores pesquisados. No entanto, observamos também a presença de outras religiões, destacando-se as religiões evangélicas (8,8%). Uma pesquisa do Datafolha<sup>5</sup> com base no período de 1996 a 2007 mostra que o catolicismo vem decrescendo no Brasil, sendo que, em 1996, 74% dos brasileiros declararam ter o catolicismo como religião, ao passo que, em 2007, essa taxa caiu para 64%.<sup>6</sup> Tendo em vista esses dados, a taxa de católicos no grupo pesquisado é proporcionalmente superior à taxa destacada para o total da população brasileira. Um possível fator que pode ajudar a explicar a predominância ainda mais forte do catolicismo no grupo pesquisado é a territorialidade: todos os indivíduos pesquisados residiam numa cidade do interior. Isso porque, de acordo com a citada pesquisa do Datafolha, o número de indivíduos que se declaram católicos nas cidades do interior é superior ao das capitais em todas as regiões do país.

No tocante às condições socioeconômicas dos professores investigados, os dados mostram que 63,2% deles tinha à época da pesquisa renda familiar mensal que variava de 1065 a 4591 reais, faixa que, de acordo com Neri (2008)<sup>7</sup>, poderia ser classificada como representativa da classe média (classe “C”). Uma porcentagem também representativa de 29,8% de professores declara ter renda familiar mensal superior a 4591 reais, sendo posicionados, segundo a mesma pesquisa, nas classes “A” e “B”. Uma parcela pequena de professores (7%) afirma ter renda familiar mensal inferior a 1065 reais, que corresponde às classes chamadas de “D” e “E” (0,9% na classe D e 0,9% na classe E).

Perguntamos também aos professores se eles exerciam outras atividades remuneradas, além da docência. A larga maioria dos professores (quase 80%) exercia a

<sup>4</sup> Malthusianismo refere-se a propensão das famílias ao controle da fecundidade.

<sup>5</sup> Os resultados da pesquisa foram publicados no encarte especial intitulado “Religião” da Folha de São Paulo de 06 de maio de 2007.

<sup>6</sup> Segundo os dados do IBGE/Censo Demográfico 2000, 73,8% dos brasileiros declararam, na época, serem católicos e 15,4 evangélicos, 3,55 outras religiões e 7,55 se declararam sem religião.

<sup>7</sup> Os limites desses estratos estão definidos em pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas e coordenada por Marcelo Côrtes Neri.

docência como única atividade remunerada. Há que se observar que aqueles que exerciam outras atividades profissionais tinham, no entanto, na docência sua principal fonte de renda. Dentre essas outras atividades paralelas à docência — conforme relato dos professores — estavam: o comércio informal, o exercício de profissões como arquiteto ou advogado e de secretária.

A esses rendimentos, acrescentamos — como meio de confirmação — dados relativos à posse de bens de consumo que podem contribuir para ajudar na classificação socioeconômica dos professores. A posse de bens duráveis — como automóveis, computadores e televisores — de serviços, como internet banda larga, e contratar uma empregada doméstica são indicadores que contribuem, juntamente com outros, para definir o potencial de consumo da nova classe média brasileira (NERI, 2008). Os dados mostram que os professores pesquisados possuíam computador e grande parte dispunha de internet banda larga e automóvel. Esses indicadores, somados aos dados da renda familiar, ajudam-nos a definir os professores pesquisados como pertencentes à nova classe média brasileira. De acordo com Neri (2008), esses dados, apesar de insuficientes para uma definição nítida — exigindo-se também a medição da capacidade de geração e manutenção da riqueza a longo prazo —, são bons indicadores para a definição da chamada classe “C” brasileira.

Em relação aos gastos com a escolarização dos filhos, os dados acima mostram que cerca de 70% dos professores optaram pela escola particular para seus filhos, ao passo que 10,5% dos professores tinham filhos estudando tanto em escolas particulares quanto em escolas públicas. Apenas 20,2% dos professores escolarizavam seus filhos estritamente apenas na rede pública. Essa preferência pela rede particular de ensino por parte dos professores é confirmada não somente por pesquisas brasileiras como as de Nogueira (2011), Reis (2006), de Santana (2005) e Unesco (2004), como também pelo trabalho de Oliveira e Schwartzman (2002). Tendo em vista a renda mensal dos professores pesquisados, os valores das mensalidades escolares cobradas pelos estabelecimentos de ensino privados do município (entre 280 e 600 reais, à época da investigação) podemos deduzir que um número expressivo de professores pesquisados (80,5%) destinava parte significativa do orçamento doméstico ao pagamento de mensalidades escolares.

A opção pela escolarização em escola privada é tema tratado estatisticamente em estudo realizado por Curi e Menezes Filho (2007)<sup>8</sup> sobre os gastos com educação no Brasil. A pesquisa mostra a expansão percentual dos gastos com educação na chamada classe “C” no referido período: quase 10,3%. De acordo com a citada pesquisa, os principais determinantes da decisão familiar de matricular os filhos nas escolas privadas são o grau de escolarização da mãe, a renda familiar, a oferta de escolas públicas, o custo da educação no Estado e a região de moradia.

Quanto ao perfil profissional, grande parte dos 114 professores pesquisados (70,2%) atuava nas redes de ensino estadual e particular concomitantemente. Somente 2,6% trabalhavam apenas na rede particular e 27,2% lecionavam exclusivamente na

<sup>8</sup> A pesquisa utilizou microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 a 2006 (PNAD) e da POF – Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2002/2003 (POF), ambas do IBGE.

rede pública. Somando-se os percentuais referentes à escola pública temos 97,4% dos professores trabalhando nessa rede de ensino.

Com a constatação de que 70,2% dos professores do universo pesquisado ensinavam em mais de uma escola, é importante pensar sobre alguns aspectos referentes à condição de trabalho desses professores. Desempenhar atividades em duas ou três escolas envolve, além de uma carga horária extensa de trabalho, tempo de deslocamento e atividades adicionais exigidas por cada escola. O “tempo do trabalho” é o eixo que estrutura a docência, pois os professores têm também longos períodos de trabalho fora da escola. Teixeira (2003) mostra que os tempos não remunerados da docência representam grande parte da rotina dos professores e elevam os níveis de exploração da atividade docente frente ao trabalho de outros assalariados. Os professores, atuando em duas ou três escolas têm condicionantes temporais que extrapolam a dimensão do tempo remunerado nas escolas: o deslocamento entre as escolas, as atividades realizadas fora da escola (planejamento, elaboração de aulas, levantamento de recursos, correção de exercícios), reuniões e a participação em outros eventos exigidos pelas escolas.

A grande quantidade de professores pesquisados com carga horária semanal muito extensa não é surpreendente, tendo em vista que os dados apresentados anteriormente mostram que a maior parte dos professores atua em mais de um estabelecimento de ensino e em mais de um nível de ensino.

A predominância de professores com uma carga horária que varia de 20 a 40 horas/aula semanais é também confirmada por pesquisas realizadas em âmbito nacional. A pesquisa “Perfil dos professores brasileiros” (UNESCO, 2004) demonstra a mesma tendência. Segundo esse estudo, 54,2% dos docentes brasileiros enfrentam uma carga horária de 21 a 40 horas/aula semanais. Dado os condicionantes temporais do trabalho docente acima citados, a carga horária média dos professores parece excessiva, o que pode caracterizar condições desfavoráveis de trabalho.

Quanto ao tempo de atuação na docência, o grupo se divide praticamente em dois subgrupos: professores que atuam apenas no Ensino Fundamental e professores que atuam no Fundamental e Médio sendo que mais da metade tem de 11 a 20 anos de atuação na docência. Como vimos o grupo pesquisado se compõe de professores com idade superior a 30 anos, daí sua relativa experiência profissional, com a maioria apresentando mais de 10 anos de profissão.

Os professores trabalham com disciplinas dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Um número muito pequeno de professores atua no Ensino Superior, portanto esses dados não serão analisados aqui. Levando-se em conta, primeiramente, a atuação dos docentes no Ensino Fundamental, a disciplina Língua Portuguesa é a que apresenta a maior porcentagem (28,2%) de professores; concentração já esperada, visto que 28,1% dos professores da amostra são formados em Letras. A disciplina Língua Portuguesa é seguida pelas disciplinas Matemática e Ciências que são ministradas, ambas, por 19,3% dos docentes. História e Geografia são disciplinas ministradas por cerca de 10% dos professores da amostra, sendo que as disciplinas restantes (Educação Física, Ensino Religioso, Inglês, Espanhol e Arte) ocorrem com taxas bem mais reduzidas. Esse decréscimo das taxas é explicado pela carga horária destinada a cada uma das disciplinas, delimitada de acordo com a sua menor ou maior importância na grade curricular. Disciplinas como a Matemática e

Língua Portuguesa foram adquirindo historicamente *status* de disciplinas mais importantes, ao passo que Artes ou Educação Física, por exemplo, não possuem um *status* tão elevado.<sup>9</sup>

Em relação ao Ensino Médio, o comportamento estatístico parece o mesmo. Há uma forte dispersão dos professores nas disciplinas, porém com uma relativa concentração em Língua Portuguesa (25,4% do total de 59 professores que lecionam também no Ensino Médio), seguida pelas disciplinas Matemática (13,6%) e Física (10,2%).

No tocante à trajetória escolar dos professores, de acordo com os dados coletados, os docentes realizaram a sua Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio), predominantemente, em escolas da rede pública (64%). Os dados também indicam que há um crescimento da opção pela escola particular conforme se avança em direção ao Ensino Médio: apenas 8,8% fizeram o Ensino Fundamental na rede particular chegando a 36% no Ensino Médio.

No que diz respeito às instituições de formação superior, a situação se inverte. A maioria dos professores realizou seu curso de graduação em instituições particulares. Como se viu, há uma alta concentração em duas instituições de Ensino Superior: a Universidade de Itaúna e o Centro Universitário de Formiga, ambas da rede privada de ensino. Essas instituições formaram 87,7% dos professores do universo pesquisado. As instituições públicas (Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Estadual de Minas Gerais) graduaram apenas 2,7% do grupo total de professores. A forte presença das instituições privadas na formação superior dos professores pode ser também constatada em outras pesquisas (GATTI, 1992; 2009; BATISTA, 1996). É importante destacar que há, com efeito, intensas diferenças distintivas entre os cursos oferecidos pelas universidades federais (reconhecidas socialmente pelo prestígio acadêmico de que dispõem) e pelas instituições particulares. Os cursos oferecidos pelas instituições privadas, em sua maioria, são cursos noturnos, e as instituições são voltadas especificamente para a graduação, sem uma dedicação mais ampla à pesquisa e à produção científica. Ao contrário, as instituições federais de ensino se voltam para a pesquisa e a implantação de cursos de pós-graduação *stricto sensu* (Mestrado e Doutorado), além do investimento na graduação e na iniciação científica dos alunos.

Em suma, em relação à formação universitária dos professores do grupo pesquisado, a maior parte recebeu uma formação bastante distanciada da pesquisa e frequentou cursos de graduação noturnos, sendo que parcela bastante expressiva desse grupo (40,4%) concluiu a graduação em cursos com carga horária reduzida (aulas concentradas em poucos dias da semana).

Diante desses dados, pode-se afirmar que a trajetória de escolarização dos professores obedeceu ao chamado “circuito vicioso”, ou seja, foi marcada por uma

---

<sup>9</sup> Fenômeno explicado por Chervel (1990), Forquin (1993), Goodson (1990), Burke (2003), Chevallard (1991) e outros, que estudaram aspectos sociais, políticos e culturais da construção histórica das disciplinas escolares.

dupla “precarização”: a escolarização básica realizada em escolas públicas<sup>10</sup> e a formação superior em instituições privadas, de baixo prestígio acadêmico.<sup>11</sup>

O período de formação superior desses professores varia num intervalo que vai de 1978 a 2007. A maior concentração se dá num intervalo de 1988 a 2002, sendo que a incidência de professores que concluíram seus cursos de graduação em períodos abaixo e acima desse intervalo é relativamente inexpressiva. Isso significa que os professores realizaram seus estudos justamente no período de aceleração da interiorização do Ensino Superior discutida acima e encontraram disponíveis, no mercado educacional, cursos superiores particulares bem próximos aos seus locais de residência. Em muitos casos a formação foi também facilitada pelo modo de funcionamento dos cursos: noturnos e, em alguns deles, aulas concentradas em dois ou três dias da semana.

Em relação à área da formação, evidencia-se uma concentração em três áreas, sendo Letras a área que apresenta maior frequência (28,1%), seguida pelas áreas das Ciências Biológicas (19,3%) e da Matemática (18%). Outras áreas de formação estão também representadas, mesmo que com menor concentração, sendo relacionadas a seguir em ordem decrescente: Geografia, História e Estudos Sociais<sup>12</sup> (21,9%), Pedagogia (4,4%), Química (1,8%), Educação Física (1,8%) e Física (0,9%). Os professores sem formação pedagógica representam 6,1% da amostra, sendo formados em Filosofia, Ciências Sociais, Engenharia e Arquitetura. As maiores taxas dos cursos de Letras, Matemática e Ciências podem ter duas explicações: maior demanda dos currículos escolares e oferta nas instituições do município de Itaúna e seu entorno (Letras na Universidade de Itaúna; Ciências e Matemática na UNIFOR).

Pouco mais da metade dos professores (61,4%) concluiu curso de pós-graduação *lato sensu* com especialização em áreas bastante diversificadas, embora se observe uma concentração nas áreas de Língua Portuguesa, Matemática e Pedagogia. Esses cursos de pós-graduação foram, na sua totalidade, realizados em instituições privadas. No que se refere à pós-graduação *stricto sensu*, apenas quatro professores (3,5%) realizaram o curso de Mestrado e nenhum tinha título de doutor.

Outro aspecto da formação do grupo pesquisado, é que mais da metade dos professores nunca fez nenhum tipo de curso de língua estrangeira. Para os que já tiveram essa experiência, a língua escolhida foi, majoritariamente, a inglesa.

### **Origem social**

Conforme os dados indicam, 82,5% dos pais dos professores exerceram ou exercem ocupações que estão entre o médio-médio e o baixo-superior: são pais

<sup>10</sup> Estudos como os de Paro (1995) e Spósito (1998) mostram a precariedade das escolas públicas de Educação Básica no Brasil.

<sup>11</sup> A noção de “circuito vicioso” é proposta por Souza (1990/1991). Os estudantes brasileiros, segundo ele, realizam percursos escolares que podem ser de dois tipos: o “circuito virtuoso”, no qual o jovem frequenta o Ensino Fundamental e Médio em escolas privadas e o Ensino Superior em universidades públicas dotadas de maior prestígio acadêmico; e o “circuito vicioso”, no qual o estudante percorre uma trajetória contrária, frequentando escolas públicas durante o Ensino Fundamental e Médio e instituições particulares – menos prestigiadas – no Ensino Superior.

<sup>12</sup> O curso de Estudos Sociais oferece licenciatura plena com habilitações em História e Geografia.

motoristas, pedreiros, operários, torneiros mecânicos, tecelões, pequenos proprietários no comércio e na indústria. Essas ocupações, em sua grande parte, exigem pouca qualificação.

Em relação às mães, é importante ressaltar que quase metade (49,1%) desempenha ou desempenhou, ao longo da maior parte da sua vida, atividades domésticas. Dentre as ocupações remuneradas, pode ser constatada também uma forte dispersão, como o que ocorreu com as ocupações dos pais. Entretanto, a concentração maior se dá em polos um pouco mais distanciados: 21,1% dos professores são filhos de mães do agrupamento 2 (médio-alto), chamando a atenção a taxa expressiva de mães com profissão homóloga à dos filhos, ou seja, professoras (17,5%); o outro polo (agrupamento 5) concentra 17,5% dos sujeitos da amostra e representa ocupações sem qualificação (trabalhadoras da indústria, serventes, empregadas domésticas e vendedoras ambulantes). O fator que eleva o primeiro polo das ocupações maternas para médio-alto é, certamente, o número de mães professoras (20) de Ensino Fundamental e/ou Médio. É necessário acrescentar, porém, que, desse grupo, apenas uma tem curso superior e leciona no Ensino Médio; as outras 19 mães foram ou são professoras primárias.

Os dados parecem indicar que os professores realizaram um movimento ascendente em relação à posição social dos pais, se considerarmos o perfil socioprofissional dos genitores. Em oposição ao caráter menos qualificado da ocupação dos seus pais, os professores se direcionaram para ocupações mais qualificadas (docência no Ensino Fundamental e Médio).

Os dados revelam que somente 7,9% dos pais tiveram acesso ao Ensino Superior, ao passo que há uma forte concentração no Ensino Fundamental completo ou incompleto (77,2%). A escolarização das mães dos professores segue uma tendência similar, mas não idêntica, pois o número de mães com Ensino Médio completo é maior do que o número de pais com esse nível de instrução, dado que se explica pela diplomação das mães no antigo “Curso Normal”.

É lícito, portanto, formular a hipótese de que os professores constituem a primeira geração do grupo familiar a atingir os níveis mais altos de escolarização, a saber, o curso superior. Se, por um lado, os professores são originários, majoritariamente, de famílias com baixo capital cultural (medido aqui pela escolaridade dos pais), podemos identificar, nesse universo, um subgrupo, bem menor é verdade, de professores cujos progenitores cursaram o Ensino Médio ou superior completo (cerca de 17% de pais e de 27% de mães).

Se é certa a predominância de baixo capital escolar no grupo familiar de origem dos professores, os dados apontam, também, uma tendência a matrimônios regressivos do ponto de vista do nível de instrução, o que pode ser evidenciado através dos indicadores sobre a escolaridade do cônjuge.

Os resultados indicam que os professores realizaram uniões com pessoas cujo grau de escolaridade é superior ao da família de origem: 75% dos cônjuges concluíram o Ensino Médio, para apenas 17,5% de pais e 28% das mães. Entretanto, evidencia-se um comportamento estatístico oposto quando se trata de comparar a escolaridade do professor com a de seu cônjuge. Quase 60% dos professores são casados com cônjuges menos escolarizados, sendo que, desse total, 34,2% se uniram a cônjuges que

concluíram o Ensino Médio, mas não prosseguiram seus estudos. Um dado que chama a atenção é que 18,4% dos professores têm parceiros que não concluíram o Ensino Fundamental.

Esses resultados demonstram um baixo efeito do capital escolar nas estratégias matrimoniais dos professores, em relação à mobilidade social. Essa afirmação se apoia nos estudos de Singly (1993, 2003, 2004), que apontam que o peso do diploma no mercado matrimonial se associa a outras formas de riqueza, dado que o “dote escolar” não tem um efeito em si mesmo, mas, sim, quando combinado a outros recursos como a beleza ou a origem social, aumentando o valor matrimonial da mulher. Tendo em vista que a maioria dos sujeitos deste estudo são mulheres casadas com cônjuges que não detêm posições ocupacionais superiores às delas, a não ser em 23,7% dos casos, pode-se supor que as professoras não dispunham, no momento do matrimônio, de outros trunfos que pudessem ser associados ao seu alto capital escolar. Se for correta essa análise, as professoras pesquisadas — todas com formação superior — podem não ter se casado com homens com formação escolar similar ou superior à delas porque ao seu dote escolar não puderam ser somados outros atributos, como, por exemplo, uma origem social favorecida. De acordo com Singly (2004), embora a ação dos diplomas — numa sociedade em que o *capital escolar* é altamente valorizado — tenha papel determinante na fixação de valores aos indivíduos, essa ação não tem peso suficiente para eliminar a atuação de outros capitais representados por recursos materiais e simbólicos.

Se, em relação à ocupação dos pais, como vimos, os dados mostram que os professores obtiveram uma mobilidade social provavelmente propiciada pela escolarização, exercendo, portanto, ocupações mais qualificadas que as de seus genitores, um movimento contrário ocorre em relação à situação matrimonial. Quando se compara a ocupação do cônjuge com a do próprio sujeito, verifica-se uma tríplice e desigual tendência: união com parceiros que detêm posição socioprofissional inferior (39,5%); união com parceiros que detêm posição similar (29,8%); e união com parceiros com posição socioprofissional superior (23,7%). Em suma, cerca de 70% dos professores são casados ou mantêm união estável com parceiros que ocupam posições similares ou inferiores à sua própria. Outro dado de destaque se refere à baixa taxa de endogamia profissional, sendo que apenas 3,5% dos professores mantêm união estável com outros professores do Ensino Fundamental e/ou Médio e 2,6% com parceiros professores do Ensino Superior.

A presença de casamentos “heterogâmicos regressivos” no meio docente foi também constatada por Batista (1996) em pesquisa com professores de Português, realizada no período de 1993 a 1994. A hipótese formulada pelo autor é a de que os professores se casaram antes de concluírem o curso superior, de tal modo que os matrimônios “não eram heterogâmicos, mas se tornaram heterogâmicos”. Em relação aos sujeitos da presente pesquisa, os dados mostram que 70% dos professores realizaram seu curso de graduação no período que vai de 1993 a 2007, indicando a possibilidade de validade da mesma explicação. Mesmo que essa hipótese não possa ser comprovada nesta pesquisa pela falta de dados sobre os matrimônios, pode-se supor, tendo em vista o período de conclusão do curso de graduação e o fato de que a maioria dos pesquisados são mulheres, que uma expressiva parcela das docentes voltou a

estudar após o casamento, exercendo assim ocupação mais qualificada do que a de seus parceiros.

Em síntese, pode-se constatar que os professores investigados realizaram — pela via da escola e da profissão, e não por meio do casamento — um movimento ascendente em relação à posição social de sua família de origem, indicada pelo nível de instrução e pela ocupação exercida pelos genitores. Em oposição às ocupações manuais de baixa qualificação desempenhadas pelos pais e à inatividade profissional de cerca de metade das mães, os professores (em sua maioria do sexo feminino) estão inseridos no mercado de trabalho e exercem a docência no Ensino Fundamental e Médio, categoria sistematicamente classificada pelos pesquisadores como compondo as camadas médias.

Se, por um lado, podemos afirmar que houve mobilidade intergeracional ascendente dos professores em relação às suas famílias de origem, por outro, podemos supor, mesmo que provisória e hipoteticamente, certa tendência a uma mobilidade intergeracional entre os professores e seus filhos: enquanto os professores, em sua maioria, estudaram em escolas públicas (mais de 80%), seus filhos e filhas estudam em escolas particulares (cerca de 80%).

### Estilo de vida e práticas culturais

Dumazedier (1976) define tempo livre como o tempo liberado do trabalho ou, em outras palavras, o tempo em que os indivíduos se desobrigam das tarefas profissionais. Nesse sentido, deve-se distinguir conceitualmente o tempo livre do lazer, pois o lazer se refere às atividades realizadas no tempo livre, mas que são da escolha do próprio indivíduo, e com as quais ele busca prazer e entretenimento. Desse modo, nem todas as atividades realizadas no tempo livre são atividades de lazer, como, por exemplo, participação em reuniões do condomínio ou pequenos concertos em casa.

Além disso, o questionário coletou dados relativos ao uso do tempo livre (Tabela 1). O intuito era conhecer as práticas culturais e de entretenimento dos professores pesquisados, considerando que elas podem modular as práticas e estratégias educativas dos pais professores, fato já demonstrado pela literatura sobre o tema.

**TABELA 01**  
Professores segundo frequência a eventos culturais no período de um ano

Frequência	Eventos							
	Show de música popular	Concerto de música erudita	Dança e Balé	Museu	Evento esportivo	Teatro	Cinema	Exposições em centros culturais
Nenhuma vez	38,6	92,1	45,6	46,5	26,3	23,7	28,9	38,6
Uma ou duas vezes ao ano	51,8	7	50	46,5	30,7	57	44,7	49,1
Três ou quatro vezes ao ano	9,6	0,9	4,4	7	43	19,3	26,4	12,3
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário aplicado a 114 professores do município de Itaúna-MG, nos meses de abril, maio e junho de 2009

Como os dados indicam, cerca de metade dos professores declarou frequentar, pelo menos, uma ou duas vezes ao ano, a maioria dos eventos listados. Entretanto, uma taxa bastante expressiva declara não ter ido a um museu ou a um espetáculo de dança/balé no prazo de um ano, e quase a totalidade não foi nenhuma vez a um concerto de música erudita no mesmo intervalo de tempo. O grande número de professores que nunca foram a um concerto de música erudita é um dado que chama a atenção, mas que não causa surpresa, visto que é notória a carência de oferta desse tipo de evento no município de Itaúna e a “raridade” dessas práticas no contexto geral da população brasileira (BRASIL, 2009)<sup>13</sup>. Os estudos de Coulageon (2004, 2005) e Donnat (1994) mostram que, na França, com exceção do cinema, as práticas culturais relacionadas a teatro, museus e concertos são nitidamente mais raras e, portanto, mais distintivas. Em pesquisa realizada no Brasil, Setton (1994) mostra que, apesar de os professores brasileiros reconhecerem os bens culturais “legítimos”, eles os consomem pouco, por razões financeiras e por falta de tempo, devido à carga intensa de trabalho a que estão submetidos. Segundo essa última autora, os professores por ela pesquisados costumam descansar nos poucos momentos em que estão desobrigados do trabalho.

Para melhor compreender o fenômeno, é necessário examinar dados sobre os equipamentos culturais disponíveis na cidade em que os pais professores pesquisados residiam no momento da enquete.

**QUADRO 1: Equipamentos culturais de Itaúna**

<b>Tipos de equipamentos culturais</b>	<b>N</b>
Biblioteca Pública	1
Museu	1
Salas de teatro	3
Escolas de dança	2
Associações de artesanato	2
Orquestra de câmara	1
Grupos de teatro	3
Grupos de música popular	20
Guardas de congado	17

Fonte: IBGE - Perfil dos municípios brasileiros- Cultura/2006; Prefeitura Municipal de Itaúna – Itaúna em Dados/2014

Como os dados evidenciam, não há nenhuma sala de cinema em Itaúna, como é realidade em muitos municípios brasileiros (IBGE, 2006). Apesar de essa cidade estar próxima da capital, os pais professores vão pouco ao cinema: cerca de 70% deles relatam ir ao cinema apenas uma ou duas vezes ao ano. Outro dado a ser acrescentado é o tipo de sala de cinema frequentada pelos sujeitos: todos que declaram essa prática buscam exclusivamente salas de cinema em *shoppings* na capital.

<sup>13</sup> O documento “Cultura em Números: anuário de estatísticas culturais-2009”, publicado pelo Ministério da Cultura, foi elaborado com base na compilação de dados do IBGE, IPEA e outras fontes.

TABELA 2: Professores segundo frequência a atividades culturais<sup>14</sup>

Tipo de atividade	N.	%
Lê livros, jornais e/ou revistas	84	73,7
Vê filmes em DVD ou vídeo	73	64,0
Assiste à tevê	70	61,4
Navega na internet	65	57,0
Estuda música ou toca algum instrumento musical	6	5,3
Ouve música	5	4,4

Fonte: Questionário aplicado a 114 professores do município de Itaúna-MG.

Algumas pesquisas demonstram que, para a população em geral, as idas ao cinema têm decrescido nas últimas décadas, devido ao papel crescente da televisão e do vídeo na difusão de filmes e na formação da cultura cinematográfica (DONNAT, 1994; COULANGEON, 2005). Como podemos ver, cerca de 70% dos professores assistem à televisão e veem filmes em DVD e/ou vídeo. Foi solicitado também aos professores que indicassem o tempo gasto assistindo à tevê e os tipos de programas televisivos assistidos no tempo livre.

TABELA 3: Professores segundo tempo diário gasto assistindo à tevê

Tempo de tevê por dia	N.	%
Menos de uma hora	44	38,6
De uma a duas horas.	47	41,2
Entre duas e três horas	17	14,9
Entre três e quatro horas	3	2,6
Acima de quatro horas	3	2,6
<b>Total</b>	<b>114</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário aplicado a 114 professores do município de Itaúna-MG.

Ainda segundo Coulangeon (2005), desde os anos 50 a televisão vem se tornando um elemento estruturante na edificação do estilo de vida das classes médias, significando uma busca de acesso à modernidade e uma participação no consumo e na cultura de massa. Se os dados apresentados mostram que o tempo gasto pelos docentes com a tevê não ultrapassa duas horas por dia, é importante lembrar que o grupo de professores é majoritariamente feminino e tem uma carga horária de trabalho igual ou superior a 20 horas semanais. Tendo em vista a natureza do trabalho docente — em que o tempo de trabalho ultrapassa a carga horária remunerada — e que as professoras, provavelmente, também executam tarefas domésticas, o pouco tempo diário despendido

<sup>14</sup> Foi pedido aos professores: “Indique as atividades que você mais costuma realizar em casa, no tempo livre de que dispõe. Marque, no máximo, três atividades.” As respostas não são autoexcludentes e geram, no seu total, valores acima de 100%.

com a televisão se torna compreensível. Pesquisas francesas têm demonstrado que as mulheres assistem menos à televisão do que os homens (MORLEY, 1992). Esse pesquisador chama a atenção para a relação entre televisão e a divisão do trabalho no interior da família. Geralmente, para os homens, o lar se constitui como um lugar de descanso e afastamento do trabalho, enquanto, para as mulheres, o lar é espaço de trabalho doméstico. Portanto, pode-se levantar a hipótese da ocorrência de um uso “estrutural” da tevê, pelas professoras; ou seja, assiste-se programas televisivos e realizam-se outras tarefas, principalmente, as domésticas. A televisão funcionaria, nessa perspectiva, como um *bruit de fond* (ruído de fundo), tornando-se um forte elemento estruturante dos tempos cotidianos dos indivíduos, principalmente daqueles que são constrangidos pela sobrecarga de atividades e tarefas profissionais (COULANGEON, 2004, 2005).

TABELA 4: Professores segundo tipo de programas televisivos assistidos<sup>15</sup>

Tipo de programa	N.	%
Noticiários	99	86,8
Programas de variedades	83	72,8
Documentários	83	72,8
Filmes	83	72,8
Programas de entrevista	69	60,5
Novelas	58	50,9
Programas de opinião	46	40,4
Esportes	27	23,7
Desenhos animados	21	18,4

Fonte: Questionário aplicado a 114 professores do município de Itaúna-MG.

Como se vê, a larga maioria das escolhas dos programas de tevê recai sobre quatro das modalidades listadas: noticiários, documentários, programas de variedades e filmes, que abarcam de 70% a 80% das preferências dos professores pesquisados. A opção por noticiários e documentários talvez indique um desejo de manter-se informado, o que, de alguma maneira, na visão do professor, poderia contribuir para um melhor desempenho de suas atividades profissionais. Se essa análise é justa, além de um uso “estrutural”, os professores usariam a televisão também como um meio de aprendizagem, uma busca de conhecimento e de informação, configurando um uso “cognitivo”, no qual esse veículo exerceria uma função de aprendizagem explicitamente visada ou não (COULANGEON, 2005). Um mesmo comportamento foi observado, tanto na pesquisa de Carneiro (1999), realizada junto aos professores dos estados de Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal, quanto na pesquisa nacional realizada pela

<sup>15</sup> Foi perguntado aos professores: “A que tipo de programas televisivos você e demais membros da sua família, costumam assistir?” As respostas a essa pergunta não são autoexcludentes e geram, no total das modalidades de programas, valores acima de 100%.

UNESCO (2004), em que os professores também declararam assistir mais a noticiários e documentários do que a outros tipos de programas televisivos. A preferência por noticiários não desperta surpresa porque, para o conjunto da população brasileira, esse tipo de programa tem a maior taxa de público, conforme dados do IBGE/2006. O mesmo comportamento não pode ser identificado em relação aos programas de variedades, aos documentários e aos filmes, com alto índice de escolha pelos professores pesquisados, pois as taxas de preferência por essas modalidades são bem mais reduzidas (IBGE, 2006).

**TABELA 5: Professores segundo frequência de leitura de livros no período de um ano**

Quantidade de livros lidos	Tipos de livros			
	Literários	Técnico-científicos	Autoajuda	Práticos
	%	%	%	%
Nenhum	14,9	39,5	38,6	50,0
1 a 2 livros	43,9	36,0	37,7	38,6
3 a 4 livros	14,0	11,4	10,5	6,1
Mais de 4 livros	27,2	13,2	13,2	5,3
<b>Total</b>	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário aplicado a 114 professores do município de Itaúna-MG.

De modo geral, os professores declaram ter hábitos reduzidos de leitura. O número de livros lidos no período de um ano é bastante restrito: quase metade da amostra declara ler apenas de um a dois livros por ano. Outros dados coletados na pesquisa também revelam que o índice de leitura de livros é bastante inferior quando comparado ao índice que agrupa leitura de livros, jornais e revistas. Por um lado, esses dados parecem indicar que os professores leem, com muito maior frequência, jornais e revistas, do que obras de literatura ou de outros gêneros, pois a atividade cultural que tem maior representatividade é justamente a leitura de jornais e revistas (73,7%), seguida por ver filmes em DVD (64,0%), assistir à tevê (61,4%) e navegar na internet (57%). Por outro, é necessário levar em conta, aqui, o efeito de legitimidade que essas respostas possam conter: os professores poderiam se preocupar em dar uma resposta “legítima”, ou seja, uma resposta que pudesse reafirmar sua posição no espaço social, sua “posição de professor”, diante do olhar do outro.

É preciso considerar ainda que as práticas de leitura dos professores estão inscritas numa lógica social contemporânea. Se as pesquisas de Coulangeon (2005) e Establet e Felouzis (1992) evidenciam a incidência de uma forte concorrência entre televisão e leitura, os dados indicam que os professores pesquisados leem com maior frequência do que assistem à televisão (enquanto 64% dos professores declaram assistir à televisão cotidianamente, 73,3% declaram ter hábitos de leitura de livros, jornais e revistas). Mas os trabalhos citados chamam a atenção para o fato de que quanto mais escolarizado for o indivíduo, menos a referida concorrência terá efeitos (COULANGEON, 2005). Em outras palavras, indivíduos mais qualificados leem tanto

quanto assistem à televisão, sendo que, para eles, o uso da tevê não tem somente uma finalidade lúdica, mas também uma finalidade de conhecimento e de informação.

As pesquisas de Batista (1996, 2007), Paulino (1999) e Oliveira (2008) evidenciam que os professores brasileiros leem mais livros relacionados à literatura escolar do que obras “extraescolares”. Isso significa que eles escolhem livros afetos à sua área de atividade docente, tendo a leitura, um caráter pedagógico; e ainda que, as escolhas literárias que fogem a esse padrão, estão no âmbito dos *best sellers* ou dos livros de autoajuda, não sendo, portanto, “legítimas”. Batista (1996, 1998, 2007) chama a atenção também para a configuração de um “modo escolar” de relação com a leitura. Segundo esse autor, a relação que os professores estabelecem com a leitura é fundada em um “modo escolar de aquisição” distanciando-se de um modo prestigiado de apropriação da cultura “legítima”. De acordo com Bourdieu (1979a), há dois modos de relação com a cultura: um modo de aquisição pela familiaridade e um modo de aquisição tipicamente escolar. Esses modos de aquisição se manifestam nas disposições e competências, ou seja, nas maneiras de praticar e exercer as disposições. Tudo leva a crer, dada a origem social (famílias com baixo capital cultural) e o provável *habitus* construído nos processos de socialização primária, que os professores apresentam, provavelmente, uma relação com a leitura também baseada num “modo escolar de aquisição”, modo que confere uma certa “tensão” à relação com a cultura. Entretanto, essa hipótese somente poderá ser melhor discutida com base nas entrevistas a serem realizadas com os professores.

Mas as práticas de leitura dos professores também podem ser compreendidas à luz das condições objetivas do contexto social em que estão inseridas. No município de Itaúna, há apenas duas bibliotecas: uma pública, com um acervo relativamente modesto, e uma particular, pertencente à Universidade de Itaúna, que atende exclusivamente aos estudantes da própria instituição. Uma única livraria, um estabelecimento comercial de porte reduzido, dispõe apenas de livros de literatura infanto-juvenil e de um número pequeno de obras literárias destinadas ao público adulto.<sup>16</sup>

**TABELA 6: Professores segundo a posse de bens culturais**

Quantidade de bens no domicílio	Tipos de bens culturais					
	Dicionário	Enciclopédia	Atlas	Literatura adulta	Livro religioso	Literatura infanto-juvenil
Não há	0,9	32,5	27,2	1,8	14	1,8
Um ou poucos	68,4	48,2	54,4	38,6	61,4	12,2
Vários ou muitos	30,7	19,3	18,4	59,6	24,6	86
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário aplicado a 114 professores do município de Itaúna-MG.

<sup>16</sup> Dados extraídos do documento “Itaúna em Dados”, publicado pela Prefeitura Municipal em 2014

**TABELA 7: Professores segundo assinatura de revistas e jornais**

Tipos de revistas	N.	%
Revistas de atualidades	48	42,1
Jornais	22	19,3
Revistas educacionais infantis / infantojuvenis	18	15,8
Revistas especializadas em educação	9	7,9
Revistas de entretenimento	9	7,9
Revistas religiosas	8	7,0
<b>Total</b>	<b>114</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Questionário aplicado a 114 professores do município de Itaúna-MG.

Enquanto mais de 80% dos professores declaram ter livros de literatura infantil e juvenil em casa, uma proporção bem menor (60%) declara ter livros de literatura adulta. Talvez esse dado possa ser explicado pelo fato de que os professores têm filhos em idade escolar e de que estão investindo, sistematicamente, na formação intelectual deles. Assim sendo, a aquisição de obras infantojuvenis constitui uma estratégia educativa, um investimento no processo de escolarização dos filhos, tornando-se mais um elemento de otimização do sistema de estratégias educativas levadas a termo por eles. Mas esse aspecto somente poderá ser abordado pela via dos dados qualitativos obtidos em entrevista. Em relação à assinatura de revistas e jornais, as modalidades mais procuradas são as revistas de atualidades, sendo que 42,1% dos professores declaram assinar pelo menos uma revista desse tipo, ao passo que, em relação à assinatura de jornais, a frequência cai para apenas 19,3%. Uma hipótese para esse fenômeno talvez seja que o fácil acesso aos jornais locais no município de Itaúna (são, na sua maioria, gratuitos) e o alto preço dos jornais de âmbito estadual ou nacional levem os professores a optar pela assinatura de revistas de atualidade. Apesar do baixo índice de assinatura de jornais, parece que, de maneira similar ao que acontece com a escolha dos programas televisivos, os bens de consumo cultural adquiridos pelos professores se vinculam à sua atividade profissional e à necessidade de se manter informado.

Os professores também informaram sobre suas atividades de lazer, tais como: visitar parentes, ir a clubes, sítios, *shopping*, templos religiosos, casas de *show* e restaurantes. Os dados fornecidos indicam que as atividades realizadas com alta frequência (isto é, semanalmente) resumem-se a dois tipos: visitar parentes (40,4%) e frequentar igrejas (43,9%). Em relação às atividades realizadas mais esporadicamente (i.e., pelo menos uma vez por mês) estão as idas a clubes, sítios e restaurantes. Assim, as atividades de lazer dos professores se condensam num movimento de sociabilidade familiar, representada pela alta taxa de visita a parentes, ocorrendo uma percentagem bem mais reduzida de outras práticas externas, representadas pelas idas ao *shopping*, a restaurantes, casas de *show* e danceteria. Acrescente-se também que, no município de Itaúna, há dois clubes recreativos de grande porte e mais de 25 restaurantes. Entretanto, não há *shopping* nem danceteria/casa de *show* (Prefeitura Municipal de Itaúna, 2014).

Certamente essas atividades de lazer dos professores estão condicionadas à infraestrutura do município de residência: enquanto os professores dizem ir ao *shopping*, por exemplo, apenas algumas vezes ao ano e mais de 30% deles nunca ter ido a uma danceteria, um número bem maior relata frequentar restaurantes e clubes.

### Considerações Finais: o efeito pai professor e as práticas culturais

O *habitus* pequeno burguês é o pendor no ponto considerado da trajetória individual e coletiva, tornado propensão pela qual essa trajetória ascendente tende a prolongar-se e realizar-se: espécie de *nisus perseverandi*, como dizia Leibnitz, em que o trajeto passado se conserva sob a forma de uma tensão para o futuro que o prolonga, ele delimita as ambições razoáveis e, por conseguinte, o preço que se deve pagar para realizar essa pretensão realista (BOURDIEU, 2006, p.312).

Ainda que os dados não tenham possibilitado identificar um padrão de gosto ou um único estilo de vida dos pais professores investigados, é relevante destacar que alguns pontos de aproximação ajudam a desenhar um perfil cultural desses sujeitos. Se, por um lado, os dados parecem indicar a pouca frequência dos pais professores a atividades culturais como cinema, teatro e museus, as entrevistas mostraram que os pais professores desse grupo reconhecem, de modo bastante claro, a legitimidade dessas atividades culturais. Eles demonstram reconhecer a importância de ir ao cinema e ao teatro, ler “bons” livros, visitar museus e ouvir boa música e, de modo quase unívoco, declaram encontrar muitas dificuldades para realizar tais atividades de modo frequente. Dentre as dificuldades apontadas pelos pais professores, as mais indicadas foram: condições financeiras insuficientes, ausência de eventos culturais na cidade e, de modo expressivo, a falta de tempo/sobrecarga de trabalho foi bastante explicitada pelos sujeitos.

As atividades realizadas nos tempos livres se resumem a visitar parentes, frequentar clube, sítios e igrejas. Essas atividades também foram identificadas como de maior frequência para todo o grupo de 114 professores pesquisados mostram que os pais professores procuravam organizar suas atividades de lazer de modo a atender às necessidades dos filhos e declaravam preocupação em propiciar às crianças um contato maior com uma “boa música” e uma “literatura de qualidade”.

De modo paradoxal, os livros citados pelos pais professores, foram em sua maioria *best-sellers* divulgados pela mídia. Apenas dezesseis pais professores citaram a leitura frequente de autores clássicos como Graciliano Ramos e Machado de Assis. E, embora os dados coletados pelo questionário demonstrem que os pais professores preferem ler livros a assistir à televisão ou a navegar na internet, os dados obtidos não permitem definição mais minuciosa dessas práticas. No entanto os dados indicam, de modo taxativo, a falta de tempo para a leitura e a preferência por livros de autoajuda, literatura infantojuvenil e a leitura de jornais.

Em relação ao consumo musical, esses pais professores declararam não frequentar *shows* musicais e nunca ter assistido a um concerto de música clássica, o mesmo acontecendo com todo o universo pesquisado. No entanto, afirmaram adquirir CDs de música clássica e também de “boa música popular brasileira”, principalmente

para que os filhos tivessem acesso a esse tipo de música. Perguntados sobre qual música popular brasileira costumavam consumir, quase metade (48%) citou compositores como Chico Buarque, Caetano Veloso, Milton Nascimento. Segundo as respostas, costumavam escutar esse tipo de música em casa para que as crianças aprendam a apreciar a “boa música”. Em momentos de confraternização no lar e na casa de amigos, preferiam, no entanto, escutar músicas de caráter comercial como sertanejo, axé ou *pop-rock*. Outro aspecto relevante é que, ao serem perguntados sobre audição de músicas clássicas somente três pais citaram, especificamente, Mozart, Bach, Ravel e Wagner. Os demais afirmaram não se lembrar do nome de nenhum compositor desse gênero.

É nítida, de acordo com as respostas ao questionário, a presença de uma “boa vontade cultural”. O princípio da “boa vontade cultural” está na distância entre “reconhecimento” e “conhecimento”, ou seja, entre o reconhecimento da legitimidade de certos produtos e práticas culturais e o conhecimento (incorporação) desses. Para Bourdieu (1979a), a “boa vontade cultural” é característica das classes sociais intermediárias, em sua relação com a cultura. Uma relação que, segundo o autor, é marcada pela passagem de uma situação de privação para um estado de pretensão e que pode ser identificada na propensão (disposições) dos sujeitos – das classes médias – a esconder sua ignorância e assumir, como suas, escolhas e práticas que reconhecem como legítimas. A devoção à cultura, a disciplina e o esforço são também traços dessa “boa vontade cultural” denotando a adoção, pelos sujeitos, de um “rigorismo ascético” — muitas vezes imposto a todos os membros da família —, subordinado aos imperativos de uma ascensão que deve, a todo custo, ser mantida, mesmo que ao preço de sacrifícios e renúncias. No entanto, de modo paradoxal, todo esse rigorismo — forjado num modo escolar e metódico de aquisição do capital cultural — não possibilita o desenvolvimento de disposições que se aproximem de uma real “familiaridade” com a cultura e de uma “segurança de si”, uma “desenvoltura” comum aos detentores da cultura legitimada.

As práticas culturais constatadas devem ser compreendidas no entrelaçamento de aspectos sociais e culturais muito especificamente vivenciados pelo grupo: as condições objetivas de existência — sobrecarga de trabalho, salários insuficientes, formação em instituições de Ensino Superior menos seletivas, origem social modesta, aspectos sociais e culturais da territorialidade (local de moradia) — mesclam-se aos desejos de mobilidade social e aos projetos de vida familiares e pessoais construídos dia a dia pelos sujeitos e suas famílias. Como “exercer” a “boa vontade cultural”, como reverenciar a alta cultura em contextos diários, onde a temporalidade e as condições objetivas de trabalho docente marcam tão intensamente a relação com a cultura?

A partir do perfil construído e da literatura sobre os efeitos da profissão docente na escolarização dos filhos (AUTORA, 2011; 2012 e 2013; LASNE, 2012) podemos inferir duas constatações: a primeira é a de que os pais professores pesquisados desenvolviam práticas culturais nem sempre “legítimas” (na perspectiva bourdieusiana), mas que pareciam se empenhar para aproximar os filhos de bens culturais legítimos, em uma atitude de reconhecimento sem conhecimento, nos moldes de uma “boa vontade cultural” (BOURDIEU, 1979). E a segunda é de que, mesmo diante de uma relativa fragilidade no que diz respeito à posse (ou acesso à) de bens culturais materiais e simbólicos “legítimos”, os pais professores dispõem de um conjunto de saberes

profissionais e cotidianos sobre o sistema escolar e sobre a escola que o habilitam potencialmente a desenvolver práticas educativas rentáveis em prol do sucesso escolar dos filhos como já demonstrado em trabalhos no Brasil (AUTORA 2011, 2013, 2015) e em outros países (BARG, 2012, LASNE, 2011, 2012). Esse conjunto de informações sobre o universo escolar se torna, no caso dos pais professores, um componente importante da estrutura do capital cultural familiar (com volumes diferenciados dependendo do tempo de carreira e outros elementos profissionais e ocupacionais) e se reverte indubitavelmente em benefícios para a vida escolar da prole.

#### Referências:

- ALMEIDA, Jane de Soares. Mulheres na escola: algumas reflexões sobre o magistério feminino. Cadernos de Pesquisa. N.96, 1996
- BARG, Katherin. The school success of teacher children. Annales du Colloque « Fabrication familiale de la réussite scolaire d'ajustement aux publics : Université Paris-Dauphine, 2011
- BARREYRO, G. Beatriz. De exames, rankings e mídia. Camp: Avaliação, vol.13, n.3, 2008
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. O ensino de Português e sua investigação: quatro estudos exploratórios. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-graduação em Educação, 1996
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Os professores são não-leitores? In. MARINHO, M. e SILVA, C.S.R.(orgs.). Leituras do professor. Campinas: Mercado das Letras, 1998
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Professoras de Português, formação superior, matrimônio e leitura: um caso de estudo. In. PAIXÃO, L. P. e ZAGO, N. (orgs.) Sociologia da Educação, 2007, p. 79-109
- BERQUÓ, Elza Sarvatori. O atual retrato demográfico do Brasil. Brasil em Números, Rio de Janeiro, 1998
- BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. Editora Zouk, 2006
- BOURDIEU, Pierre. La Distinction: critique sociale du jugement. Paris: Les Editions Minuit, 1979
- BOURDIEU, Pierre. Les trois états du capital culturel. In Actes de la recherche en sciences sociales. Paris. N.30. nov. 1979. p.3-6
- BOURDIEU, Pierre. Les Héritiers. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964
- BRASIL, Ministério da Cultura. Cultura em Números: anuário de estatísticas culturais. Brasília, 2009

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Estudo exploratório sobre o professor brasileiro com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007. Brasília: Inep, 2009

CARNEIRO, V.L.Q. Integração da Tv. na prática, na formação do professor: desejos, propostas, desconfianças, aprendizados. In: GT Educação e Comunicação. 26ª Reunião da ANPED, 2003

COULANGEON, Philippe. Classes sociales, pratiques culturelles et styles de vie : Le modèle de la distinction est-il (vraiment) obsolète? Sociologie et sociétés, vol. 36, n° 1, 2004, p. 59-85.  
COULANGEON, Philippe. Sociologie des pratiques culturelles. Paris: La Découverte, 2005

CURI, A. Z. e MENEZES-FILHO, N.A. Os determinantes com gastos em educação no Brasil. Anais da ANPEC- Associação Nacional dos Centros de Pós-graduação em Economia. Disponível em <http://www.anpec.org.br/>. Acesso em 24/10/2009

DONNAT, O. Les Français face à la culture. De l'exclusion à l'éclectisme, Paris, La Découverte, 1994

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e Cultura Popular, São Paulo/SP: Ed. Perspectiva, 1976  
ESTABLET. R. e FELOUZIS, G. Livre et télévision: concurrence ou interaction? PUF: Paris, 1992

GATTI, Bernadete. A formação de docentes. Educação Brasileira - Revista do CRUB, Brasília, v. 14, n. 28, p. 39-47, 1992

GATTI, Bernadete e BARRETO, Elba de Sá. Professores do Brasil: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009

GLÓRIA, Dília Maria da. “Uma análise de fatores sociodemográficos e sua relação com a escolarização dos filhos em famílias de camadas médias”, tese de doutorado. Faculdade de Educação: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007

GODARD, Francis. La famille: affaire de generations. Paris: PUF, 1992

GOLDANI, Ana Maria. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. In: Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas, n° 91, 1994

LAHIRE, Bernard. L'esprit sociologique. Paris : La Découverte Poche, 1997

LAHIRE, Bernard. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: Editora Ática, 2004.

LASNE, Annie Da-Costa Le réussite scolaire des enfants d'enseignants du primaire à la fin du collège : existe-t-il un « effet enseignant » ?. Annales du Colloque « Fabrication familiale de la réussite scolaire d'ajustement aux publics: Université Paris-Dauphine, 2011

LASNE Annie da-Costa. La singulière réussite scolaire des enfants d'enseignants : des pratiques éducatives parentales spécifiques? Thèse pour obtenir le grade de Docteur de l'Université de Bourgogne-Sciences de l'éducation. Novembre, 2012.

LOURO, A.G. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva sociológica. Petrópolis: Vozes, 1997

MARTELETO, L. J. O Papel do Tamanho da Família na Escolaridade dos Jovens. Revista Brasileira de Estudos da População, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, 2002

MARTINS, Gilberto de Andrade. Adoção do marketing pelas instituições de Ensino Superior. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.29, n.3, p.41-64, jul./set. 1989

MORLEY, D. Television, audiences and cultural studies. Routledge: New York, 1992

NERI, Marcelo Cortes. A Nova Classe Média. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 2008

NOGUEIRA, Marlice de Oliveira e. Efeito pai professor: o impacto da profissão docente na vida escolar dos filhos. Revista Brasileira de Educação. v. 18 n. 52 jan.-mar. 2013.

NOGUEIRA, Marlice de Oliveira e. Pais professores e a escolarização dos filhos. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011

NOGUEIRA, Marlice de Oliveira e. Bom aluno, bom filho: a tensão entre a construção de si e o sucesso escolar em famílias de pais professores. Revista de Educação PUC-Campinas, Campinas, v.20, n.2, p.67-79, maio/ago., 2015.

NOGUEIRA, Marlice de Oliveira e. NOGUEIRA, Maria Alice. QUANDO OS PROFESSORES ESCOLARIZAM OS FILHOS NA REDE PÚBLICA DE ENSINO: DA INEVITABILIDADE À COLONIZAÇÃO. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 33, e153689, 2017.

OLIVEIRA, J.B.A. e SCHWARTZMAN, S. A escola vista por dentro. Belo Horizonte: Alfa Educativa, 2002

PARO, Vitor Henrique. Gestão democrática: participação da comunidade na escola. Nosso Fazer, Curitiba, ano 1, n. 9, ago. 1995

PAULINO, Graça. et.al. A formação de professores leitores literários: uma ligação entre infância e vida adulta? Belo Horizonte: Educação em Revista, 1999

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAÚNA. Itaúna em dados. Itaúna, 2014. Disponível em [www.prefeituramunicipaldeitauna.com.br](http://www.prefeituramunicipaldeitauna.com.br). Acesso em junho/2016

REIS, Rosemeire. Professores da Escola Pública e a educação escolar de seus filhos: uma contribuição ao estudo da profissão docente. In: 25a. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2002, Caxambu, 2002.

REIS, Rosemeire. Os professores da escola pública e a educação escolar de seus filhos: uma contribuição ao estudo da profissão docente. São Paulo: Paulinas, 2006.

ROSEMBERG, F. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9. n. 2, p. 515-540, dez. 2001

SANTANA, Regina Palma A. de. Professor da Escola Pública: onde estuda seu filho? A família do professor na escolha da escola dos filhos. Tese de mestrado. Universidade Católica de Salvador, 2005

SETTON, M; G J. Professor: variações sobre um gosto de classe. Educação & Sociedade, no 47, Cedes, Campinas, 1994, p.73-96.

SINGLY, François de. Sociologie de la Famille Contemporaine. Paris, Armand Colin, 2004

SINGLY, François de. Fortune et infortune de la femme mariée, PUF, Paris, collection Quadrige, PUF, Paris, 2003

SINGLY, François de. A sociologia da família na França nos últimos trinta anos. In. Revista Interseções: Rio de Janeiro, Ano 3, N.2, 2001<sup>a</sup>

SINGLY, François de (org.). Famille et individualisation. Paris: Harmattan. 2 vols, 2001b

SINGLY, François de. Le soi, le couple et la famille. Paris: Editions Nathan, 1996

SOUZA, Paulo R. A universidade e a crise da educação. Revista da USP. N.8. p. 27-32, dez-jan-fev., 1990-1991

SPOSITO, M. P. A instituição escolar e a violência. Cadernos de Pesq, n.104, p.58-73, jul, 1998

TEIXEIRA, Inês A. Castro. Tempos enredados na condição docente: narrativas de professores e professoras. Revista Pro-posições. Campinas, v.14, n.1 (40), jan./abr. 2003

UNESCO. O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam. Pesquisa Nacional. São Paulo: Moderna, 2004

VAN-ZANTEN, Agnès e DURU-BELLAT, Marie. Sociologie de l'école. Paris: Armand Colin, 1999

YANNOULAS, S.C. Educar: uma profesión de mujeres? La feminización del normalismo y la docência em Brasil y Argentina. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília. V.74.set/dez, 1993